

## CAMINHOS E CONEXÕES ENTRE A ESCOLA PARQUE E AS SALAS DE RECURSOS DE ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO EM BRASÍLIA

Maria Clara Freitas de Farias <sup>1</sup>

Maria Clara Nogueira Amador <sup>2</sup>

Isabela Marçal Ribeiro <sup>3</sup>

Julia Ferreira Alves <sup>4</sup>

Maria del Rosário Tatiana Fernández Méndez <sup>5</sup>

### RESUMO

Perante o questionamento a respeito do desenvolvimento de interesse dos estudantes no âmbito artístico, isto é, como foram encaminhados a partir das suas respectivas afinidades desenvolvidas ao decorrer da trajetória escolar, uma vez que tais aptidões não costumam ser o enfoque em uma sala de aula regular, a presente análise busca pesquisar o papel da Escola Parque para o devido direcionamento desses alunos para um aprimoramento na Sala de Recursos de Altas Habilidades. Utilizando da pesquisa de Cleber Cardoso sobre o percurso histórico das Escolas Parque de Brasília, tal como a percepção de Fábio Travassos das práticas realizadas na sala de recursos, buscamos relacionar essas duas instituições explorando o papel de ambas em uma relação de cooperação no incentivo ao aperfeiçoamento artístico desses alunos.

Com base em relatos de experiência de profissionais especializados na área e respectivos alunos que vivenciaram esse processo. Em uma realidade a qual há uma baixa adesão de indivíduos para os cursos com enfoque nas artes, dado por uma falta de encorajamento do desenvolvimento dessas habilidades específicas, a Escola Parque, focada majoritariamente no âmbito artístico, constitui-se como referência fundamental para a identificação de alunos com indícios de superdotação, e seu devido mapeamento, assim tornando possível o encaminhamento para uma instituição adequada com enfoque no aperfeiçoamento dessas afinidades com as artes.

**Palavras-chave:** Escola Parque, Sala de Recurso, Ensino das Artes Visuais, Altas habilidades, Superdotação.

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade de Brasília – UnB, [mf.clara18@email.com](mailto:mf.clara18@email.com);

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade de Brasília - UnB, [claraamad1314@gmail.com](mailto:claraamad1314@gmail.com);

<sup>3</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade de Brasília - UnB, [belakobayashii@gmail.com](mailto:belakobayashii@gmail.com);

<sup>4</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade de Brasília - UnB, [juliafalvess78@gmail.com](mailto:juliafalvess78@gmail.com);

<sup>5</sup> Professora orientadora: Doutora em Arte, - Universidade de Brasília – UnB, [tatiana.fernandez@unb.br](mailto:tatiana.fernandez@unb.br).





## INTRODUÇÃO

A pesquisa no que diz respeito às altas habilidades e superdotação é um campo relativamente recente, recebeu notoriedade no campo educacional — especialmente no Brasil — no início dos anos 90, porém, o aumento das discussões apenas ocorreu de fato no início do século 21. No que concerne à terminologia em si, a palavra “superdotado” é alvo de diversas dissidências, uma vez que pode ser vista como deveras tendenciosa e de certo modo elitista, além de reduzir o estudo e essas características como um simples talento nato que certos indivíduos foram premiados com.

Quando ultrapassada essa barreira do entendimento do que seria um aluno ou uma criança com altas habilidades, ainda há a discrepância entre os méritos dado a estudantes com superdotação na área das ciências exatas, como matemática, biologia e entre outros, estes então considerados gênios, para estudantes que apresentam um desempenho acima da média no campo artístico, seja em desenho ou na dança, essa aptidão é pouco observada em um sistema como da sala de aula regular.

A partir de observações realizadas no contexto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), observamos que em sua grande maioria, quando o assunto superdotação é comentado, a imagem que se constitui no imaginário de uma significativa parcela da população é o indivíduo gênio da matemática, ou até poliglota com facilidade em compreender diversos dialetos, de maneira geral o estudo das altas habilidades no âmbito artístico é um vasto campo a ser explorado.

Em seus estudos realizados em 2011 a respeito da percepção de pais e professores de indivíduos superdotados, o doutor especializado na área de educação em artes visuais, Fábio Travassos de Araújo, comenta: “Estudando indivíduos talentosos em artes plásticas e considerando-os como possuidores de superdotação/altas habilidades, vimos apresentar neste trabalho a dificuldade de identificar esses indivíduos pela indicação de professores e pais.”

Diante deste obstáculo, buscamos compreender como uma área pouco investigada pode se beneficiar da ponte mais propícia para a experienciar essas esferas artísticas, sendo esse o ambiente da Escola Parque.





## **METODOLOGIA**

O estudo foi desenvolvido no contexto da Escola Parque, envolvendo o relato de professores sobre o encaminhamento à Sala de Recursos de Altas Habilidades. Os participantes foram selecionados a partir dos critérios utilizados pelas próprias estudantes que estão no PIBID em contato com estes docentes.

Aplicando do método proposto por Ricardo Marín Viadel, na qual destoando dos modelos científicos tradicionais, ou seja, quantitativos ou qualitativos, Viadel propõe uma abordagem em ascensão, de cunho reflexivo, em que a experiência da fruição do fazer artístico se transforma na construção de conhecimento, sendo assim, a arte não apenas como objeto, como também método de pesquisa.

Para que possamos distinguir os estudantes a partir dos critérios que os professores da Escola Parque utilizaram para encaminhá-los, adotamos a observação participante, articulada à dinâmica de um grupo focal, conforme descrito por John W. Creswell, sendo assim, durante o acompanhamento das atividades e das interações no espaço escolar, foram realizados diálogos informais, entrevistas em conjunto com formulários sobre as práticas e as produções dos alunos com o intuito de descobrir suas áreas de interesse constante, processos de criação e até mesmo como desenvolveram uma identidade própria em seus trabalhos.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

O modelo dos Três Anéis de Renzulli (1986) foi uma das bases para essa perspectiva ao integrar habilidade acima da média, comprometimento e criatividade como dimensões interdependentes, propondo um modelo de enriquecimento no qual o aluno se torna protagonista da própria aprendizagem. Essa proposta se alinha à lógica das Salas de Recursos de Altas Habilidades, ambientes de enriquecimento curricular em que o docente atua como mediador de experiências estéticas e investigativas. A identificação, nesse contexto, ocorre por meio da observação e da escuta atenta, como defende Araújo (2021), que entende o reconhecimento do talento como um processo afetivo, reflexivo e relacional.





A compreensão da superdotação artística requer um olhar que ultrapasse a ideia de desempenho acadêmico e valorize as múltiplas expressões do potencial criativo. De acordo com Birnbaum (2018), as Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD) ainda enfrentam desafios conceituais e práticos nas escolas, sobretudo pela dificuldade de reconhecer manifestações artísticas como formas legítimas de talento e de aprendizagem. A autora enfatiza que as políticas inclusivas precisam ser acompanhadas de práticas pedagógicas sensíveis, capazes de acolher as singularidades dos estudantes e promover experiências significativas. Nesse sentido, Clênio e Virgolim (2020) reforçam que o reconhecimento das altas habilidades deve considerar o comportamento criativo, a curiosidade e o envolvimento intenso com as atividades de interesse, indo além de indicadores quantitativos.

Considerando essas perspectivas teóricas, torna-se relevante compreender como determinados espaços educacionais favorecem o desenvolvimento das potencialidades dos alunos. Acerca da Escola Parque, de acordo com a tese de Xavier (2017), que reúne o histórico e a formação das Escolas Parque no Brasil, em Brasília a construção dessas instituições está vinculada ao Plano Educacional de Brasília (PEB), idealizado por Anísio Teixeira a convite de Ernesto Silva, com o objetivo de estruturar o sistema educacional da nova capital. Teixeira incorpora o conceito que já vinha sendo aplicado em Salvador, o Centro de Educação Elementar que integrava Jardins de Infância, Escolas Classe, Escolas Parque e o Ensino Superior. Destacando a importância histórica das Escolas Parque na formação dos brasilienses, unindo as dimensões educacionais, sociais e culturais.

O plano desenvolvido por Teixeira (1961) previa uma formação em tempo integral e complementar do aluno: as Escolas Classe seriam responsáveis pela educação formal, com o ensino de português, matemática, história e ciências, enquanto as Escolas Parque funcionam como espaços de desenvolvimento social, físico, artístico e pré-vocacional. O projeto educacional inovou e democratizou a educação em Brasília ao oferecer atividades que contribuíssem para a formação de um público sensível às artes e ao mundo. A partir disso iremos tratar do desenvolvimento de alunos Altas Habilidades/Superdotação ao ter contato com este ambiente escolar que contribuiu para a formação de sua identidade.

## **A ESCOLA PARQUE COMO ESPAÇO DE IDENTIFICAÇÃO**





Em situações a qual pudemos observar como é inerente das crianças ansiar pela manualidade e desejar explorar as sensibilidades quando entram em contato com diferentes tipos de materiais, o ensino baseado em arte, comumente conhecido como EBA, desempenha um papel intrínseco de pavimentar essas conexões, trazemos como exemplo os ensaios realizados na Escola Parque 210/211 Norte para a Semana Cultural, em que ao introduzir para os alunos as danças de cantigas infantis da região de Moçambique, com o intuito de formar uma congada, a assimilação do conteúdo ocorreu de maneira fluída em virtude da imersão cultural fruto das visualidades, das vestimentas, da dança em si e dos timbres sonoros da música.

No prefácio de seu livro: “Para gostar de aprender arte - Sala de aula é formação de professores”, Rosa Iavelberg descreve como há o estabelecimento de elos significativos entre os tópicos e os indivíduos, uma vez que redefine ou modifica a forma de mediação para que este se adeque para a sala a qual está sendo aplicada, enriquecendo não apenas o repertório do cânone como a prática de utilizar da arte como metodologia de ensino.

Por consequência, a Escola Parque, por ser um local voltado para atividades extracurriculares, muitas vezes, relacionada com as artes, coloca os alunos em contato direto e constante com suas próprias habilidades artísticas e culturais em pleno desenvolvimento. Não só isso, como também os professores atuantes dessas instituições de ensino podem usufruir da oportunidade de observação, e exploração, dessas habilidades em formação.

Importante destacar que a maioria dos profissionais docentes da Escola Parque são formados/especializados em artes, o que já se torna, por si só, uma vantagem na identificação de alunos propensos à uma superdotação específica dentro dessas manifestações e práticas, dando espaço para a investigação dessas habilidades através da observação contínua.

Pensando em um comparativo, podemos citar a escola de ensino regular onde pouco se observa os trabalhos pessoais dos estudantes, visto que sua atribuição é de nivelar os conhecimentos da turma para que eles apresentem um desempenho análogo e favorável. Assim, individualidades não são incentivadas ou sequer reconhecidas, muitas das vezes, alunos com desempenhos excepcionais em manifestações artísticas são invisibilizados, tornando o encaminhamento para uma sala de recursos incerta, isso para não dizer que é praticamente improvável.

Visto que o ambiente a qual Anísio Teixeira idealizou para as Escolas Parque difere do modelo jesuíta de sala aula, no caso da sala observada por nós no contexto da Escola Parque





210/211 Norte, não há carteiras ordenadas ocupando o espaço, sendo assim os alunos se posicionam de acordo com a dinâmica da atividade proposta, em momentos expositivos lecionados pela professora, os estudantes são colocados em roda, promovendo uma conexão entre os alunos que conseguem enxergar uns aos outros com facilidade, ausente da posição hierárquica entre docente e discente, possibilitando também distinguir aqueles com potenciais e possível superdotação. Toda a organização sistêmica da Escola Parque favorece a percepção ampla desses estudantes. O fato de ser uma metodologia projetual, ao menos na escola observada, se relacionando um pouco com a metodologia da Sala de Recursos, diferente da maioria das escolas de ensino regular que praticamente nunca precisam interagir, na Escola Parque os professores se integram entre si, trabalhando nesses projetos em conjunto de maneira interdisciplinar e trocando informações e observações sobre os alunos que interagem com essa variedade de docentes. Deste modo, é improvável que esse grupo de profissionais não percebam certas manifestações de Altas Habilidades presentes em alguns alunos, e mesmo que nem todos notem, basta um ver, para que os outros passem a observar com mais atenção também e em conjunto fazer um encaminhamento.

Essa forma de encaminhamento relatada acima é exatamente a técnica utilizada por alguns dos professores da Escola Parque da 210/211 Norte, onde, a escola divide seus professores em grupos identificados por cores e cada grupo fica responsável por um total de quatro turmas que se revezam entre si para experimentar cada uma das disciplinas, realmente os grupos são compostos por um professor de cada segmento da escola: Artes Visuais, Artes Cênicas, Música, Educação Física/Dança. Falando especificamente do grupo Azul, pudemos notar que eles já encaminharam diversos alunos para a Sala de Recursos, utilizando-se da observação sensível dessas crianças, e com a oportunidade rica que a interdisciplinaridade gerada pela união desses docentes, cria-se um ótimo espaço de reconhecimento dessas individualidades específicas e engajadas. Os professores primeiro reconhecem o aluno, comentam com os outros colegas fazendo o levantamento de hipóteses e então esse aluno passa a ser observado por um período até que outros sintomas possam se revelar, características que os enquadram nas Altas Habilidades, e o engajamento desses indivíduos para com esse talento a ser lapidado. A partir disso, há a possibilidade de um encaminhamento mais embasado, também se apropriando da tese de Gardner sobre as Inteligências Múltiplas, que dão ainda mais crédito ao encaminhamento.





Interessante também notar como toda essa percepção só é possível graças à proximidade igualitária entre docente e discente proporcionada pelo ambiente, didática, metodologia e até mesmo a arquitetura, que é uma construção moderna de Oscar Niemeyer pensada para ser uma “arquitetura aberta”, com espaços amplos, integrados, que se conectam com o ambiente ao redor, realmente gerando um contato constante desses professores com seus estudantes. Há uma humanização, pautada no sensível da arte, que faz com que habilidades se afluam com os incentivos adequados, e se manifestem de maneiras perceptíveis para os professores que se derem ao trabalho de enxergar. Mas uma atitude é necessária, não só ver, mas fazer algo a respeito, permitir que essas crianças em desenvolvimento recebam o incentivo e investimento necessário em seus dons e aptidões, as aprimorando e lapidando em um ambiente propício a isso, em suma, a Sala de Recursos de Altas Habilidades.

Ao perguntamos para os docentes quais eram os critérios aplicados para identificar esses alunos, nos encaminharam a ficha de indicação para AEE/SD (Atendimento Educacional Especializado ao Estudante com Altas Habilidades/Superdotação) passada para eles através da Sala de Recursos. Este formulário é baseado no modelo proposto por Renzulli e nas diretrizes recomendadas pelo Ministério da Educação (MEC), ao analisarmos este documento percebemos que a ficha apresentava opções em que o próprio estudante ou os responsáveis poderiam solicitar o encaminhamento para Regional de Ensino.

Em entrevista com a professora de música Marina Moyle, também supervisora do PIBID Interdisciplinar de Artes Visuais, Cênicas e Música, foi perguntado quais características eram mais recorrentes em estudantes com Altas Habilidades/Superdotação que ela observou. A docente destacou que a característica que ela mais observa é a criatividade desenvolvida, perceptível na maneira como esses alunos criam, produzem e se expressam artisticamente. Além da execução técnica acima da média, Moyle mencionou casos encaminhados este ano, onde estudantes AH/SD em desenho apresentavam um estilo próprio e bem definido em sua produção.

Ao participarmos do dia a dia da comunidade escolar, notamos desafios que permeiam a rotina dos alunos e professores, assim influenciando na identificação desses alunos com essas potencialidades. A professora relata que sente dificuldade em reconhecer estudantes com Altas Habilidades fora de sua área de formação em Artes Visuais e destaca a importância da sensibilidade do docente para perceber o aluno em sua totalidade. A observação é





essencial, visto que os alunos se comunicam com o docente através de atitudes para ter um direcionamento maior. Em sala de aula como Pibidianas, observamos outro desafio, os estudantes apresentam um tempo de atenção cada vez menor, o que reflete principalmente na execução dos processos em artes visuais. Nesse contexto, alunos considerados dentro da média acabam se destacando por manterem maior concentração. A educadora ressalta, portanto, a necessidade de estabelecer critérios bem definidos para a identificação de AH/SD.

Moyle nos explica que a percepção para identificar esses estudantes faz parte de um processo contínuo. O aluno pode apresentar Altas Habilidades em uma determinada área e, ao longo do ano, existe a possibilidade de perder o interesse por ela ao descobrir outra habilidade. Existem também casos em que a criança não se encaixa como AH/SD, mas demonstra interesse em desenvolver essas habilidades. Ela ressalta que esse desenvolvimento deve vir acompanhado do engajamento e do compromisso por parte do aluno em frequentar a Sala de Altas Habilidades.

## **A SALA DE RECURSO DE ALTAS HABILIDADES**

A organização das Salas de Recursos busca contemplar uma dinâmica flexível, na qual os estudantes podem desenvolver projetos de pesquisa e produção artística em conformidade com seus interesses e ritmos de aprendizagem. O trabalho docente assume caráter mediador, propondo desafios e orientações que ampliam as possibilidades criativas dos participantes. Conforme defendem Clênio e Virgolim (2020), as práticas de enriquecimento curricular devem transcender a lógica da aceleração escolar, valorizando o desenvolvimento integral, a curiosidade e o pensamento divergente. Nesse sentido, as estratégias pedagógicas se apoiam na experimentação artística, em oficinas temáticas e na valorização dos processos autorais, em consonância com o modelo de *enriquecimento tipo III* proposto por Renzulli, no qual o aluno é protagonista da própria produção.

Essa concepção se aproxima da prática descrita pelo professor entrevistado Fábio Travassos da Sala de Recursos de Altas Habilidades em Artes Visuais, ao relatar que “o processo pedagógico não se resume a uma orientação imediata, mas envolve uma metodologia investigativa, baseada na observação dos comportamentos e nas produções dos alunos”.

Ao mencionar o “Museu Imaginário”, inspirado na teoria de André Malraux, o docente reforça a importância de reconhecer e potencializar o repertório visual de cada estudante,





promovendo a autoria e a construção de um “currículo próprio”. Essa abordagem evidencia, na prática, o papel mediador do professor e o protagonismo do aluno, reafirmando o que Clênio e Virgolim (2020) propõem: a aprendizagem como processo de descoberta e criação, e não como mera aceleração do conteúdo escolar.

A percepção do professor da Sala de Recursos sobre os encaminhamentos da Escola Parque, se relaciona com a interlocução entre a Escola Parque e a Sala de Recursos de Altas Habilidades, conforme discutido por Birnbaum (2018), evidencia que a efetividade desse diálogo depende não apenas da existência institucional desses espaços, mas sobretudo da mediação docente. O professor entrevistado reforça esse papel de mediação ao destacar que “o reconhecimento do potencial do aluno surge a partir das vivências artísticas oferecidas pela Escola Parque, em que “o professor tem contato direto com suas produções”. Essa observação concretiza a função de “ponte” mencionada no artigo, pois o docente atua como agente de identificação e de encaminhamento, traduzindo experiências estéticas em oportunidades de desenvolvimento especializado.

Além disso, quando o professor entrevistado afirma que “a formação é elemento essencial para fortalecer a cooperação entre os espaços”, ele retoma a crítica de Birnbaum (2018) sobre a distância entre o discurso inclusivo e a prática efetiva — distância que só pode ser superada pela qualificação continuada e pelo diálogo institucional. Assim, o relato docente exemplifica, de forma prática, a necessidade teórica apontada no texto: a formação como eixo de integração entre a educação integral e o atendimento especializado.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Em nossas discussões concluímos que a Escola Parque é um ambiente propício para o desenvolvimento das habilidades artísticas. Ao trabalhar de forma interdisciplinar, os professores conseguem identificar mais de uma alta habilidade em um mesmo aluno, além de perceberem potencialidades em outras áreas. Em relato, Moyle observa que o trabalho em equipe com os docentes contribui para o encaminhamento de estudantes com altas habilidades/superdotação (AH/SD).

A partir de Xavier (2017) a arte educação nas Escolas Parque de Brasília mantém a proposta de Anísio Teixeira ao proporcionar uma educação integral mediada pela arte, o





ensino artístico pensado como experiência sensível e social contribui para a construção da identidade cultural de brasileiros e permanece como referência na arte educação brasileira.

No que diz respeito ao atendimento nas Salas de Altas Habilidades, trata-se de um ambiente que propõe um modo de desenvolvimento mais flexível, no qual o aluno pode estruturar projetos de pesquisa e produção artística de acordo com seu ritmo e seus interesses de aprendizagem, sendo assim, valorizado o processo autoral de cada estudante.

Diante disso, os resultados obtidos nas entrevistas e observações evidenciam que o ponto de partida para o reconhecimento de alunos com AH/SD está nas vivências artísticas promovidas pela Escola Parque, onde os professores entram em contato com as primeiras produções dos estudantes. A Sala de Altas Habilidades, por sua vez, permite a continuidade, o aprimoramento e a potencialização do que foi desenvolvido ao longo dos anos na Escola Parque. Esse processo pode, inclusive, auxiliar nas escolhas futuras como na seleção de uma graduação que valorize as habilidades trabalhadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao revisitar os ambientes escolares que favorecem o desenvolvimento artístico, como a Escola Parque, é possível tatear as dimensões expressivas e técnicas que contribuem para a identificação de alunos com Altas habilidades/Superdotação (AS/SD). Nesse sentido, compreende-se, a partir da experiência observada e dos relatos colhidos, a possibilidade de um encaminhamento mais sensível e coerente desses estudantes para a Sala de Recursos, ainda que os contextos institucionais e metodológicos entre os dois espaços não operem com as mesmas intenções e formatos. O diálogo entre as práticas pedagógicas da escola parque e as estratégias adotadas na Sala de Recursos revela-se indispensável a construção de um processo formativo mais crítico, engajado e atento às múltiplas linguagens artísticas, promovendo vivências que valorizam a criatividade, a autoria, e a motivação.

Certamente, é inquestionável que o reconhecimento das altas habilidades no campo das artes visuais, musicais e cênicas requer uma escuta atenta e uma observação contínua por parte dos docentes. Ainda que os critérios atuais busquem sistematizar essa identificação, nota-se que é na vivência cotidiana, nos processos e não apenas nos produtos que essas singularidades se manifestam. A interdisciplinaridade oferecida pela Escola Parque e a





estrutura aberta e estética ofertada pela Sala de Altas Habilidades, reafirma a importância de uma educação que enxerga o aluno para além dos padrões, e se apropria da arte como caminho de descoberta, desenvolvimento e transformação.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos a professora Marina Vaz André Moyle, mestre em educação em artes visuais, por nos ter dado a oportunidade de acompanhar sua sala de aula, além de ter nos auxiliado dando sua entrevista com informações intrínsecas para que entendêssemos como os professores da Escola Parque operam nessa ligação com a Sala de Recurso de Altas Habilidades.

## REFERÊNCIAS

**BRASIL, Secretaria de Educação Especial.** Subsídios para a organização e funcionamento de serviços de educação especial: área de altas habilidades. Brasília: MEC/SEESP, 1995.

**MALRAUX, André.** *O Museu Imaginário*. Tradução de Isabel Saint-Aubyn. Lisboa: Arte e Comunicação / Edições 70, 2011. v. 1, 1.ª ed., 288 p. ISBN 978-972-441-647-2.

**ARAÚJO, Fabio Travassos de.** *Estudantes superdotados e talentosos: a visão de educadores em artes visuais*. 2014. 137 f. Dissertação (Mestrado em Arte) – Instituto de Artes, Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Orientador: Prof. Dr. Belidson Dias.

**ARAÚJO, Fabio Travassos de.** *Experiências estéticas em evidência: parâmetros sobre superdotação*. 2021. 258 f. Tese (Doutorado em Arte Contemporânea) – Instituto de Artes, Universidade de Brasília, Brasília, 2021. Orientadora: Profª. Dra. Thérèse Hofmann Gatti Rodrigues da Costa.

**BASTOS, Raquel Lima.** *Altas habilidades/superdotação e dupla excepcionalidade: proposta de enriquecimento curricular em arte – ensino fundamental I*. 2024. 65 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Instituto Federal do Espírito Santo, Campus Vila Velha, Vila Velha, 2024. Orientadora: Profª. Me. Hiáscara Alves Pereira Jardim.

**VIRGOLIM, Angela Márgda Rodrigues.** A contribuição dos instrumentos de investigação de Joseph Renzulli para a identificação de estudantes com altas habilidades/superdotação.





*Revista Educação Especial*, Santa Maria, v. 27, n. 50, p. 581–610, set./dez. 2014. DOI: 10.5902/1984686X14281.

**BIRNBAUM, Deise Soares Carrijo.** O contexto escolar sob a perspectiva dos estudantes com altas habilidades/superdotação. *Cadernos RCC*, Brasília, v. 5, n. 1, p. 179–190, mar. 2018.

**IABELBERG, Rosa.** *Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores.* Porto Alegre: Artmed, 2003.

**CRESWELL, John W.; CRESWELL, J. David.** *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto.* 5. ed. São Paulo: Penso, 2021.

**TEIXEIRA, Anísio.** Educação e Desenvolvimento. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 81, p. 71-92, jan./mar. 1961

**XAVIER, Cleber Cardoso.** *Escola Parque: apontamentos sobre Anísio Teixeira e o Ensino de Arte no Brasil.* 2017.

